

IDEAÇÃO SUICIDA E PASSAGEM AO ATO NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA

Samuel Fagundes Brito Cesarino¹

Resumo: O suicídio não é apenas o ato, é também a construção de uma cena na qual o sujeito evade o palco, abrindo mão da própria subjetividade em prol de tomar-se de volta para si, com a passagem ao ato o sujeito retifica sua narrativa com uma negativa ao outro e ao Outro, é um “não!”. Com a negativa o sujeito reafirma sua autonomia frente sua própria existência, retificando a vida, tomando de volta a vida e sua condição de sujeito. Para o sujeito que continua a viver fica apenas um corpo morto, do qual o simbolismo da morte não será cifrada a partir do sujeito que se foi, mas para o sujeito assiste, a saída da cena remonta para, uma dissolução de uma narrativa da subjetividade que é dada a partir de outro sujeito. Deixando sua posição de sujeito para outro sujeito e tomando de volta sua própria vida, o corpo morto evoca para os que continuam vivendo, uma questão pragmática, na qual a solução para o enigma do corpo suicídio nunca será resolvido, uma vez que quem se mata não estará lá para dar resposta alguma a questão que fica, deixando apenas uma negativa para sua posição de sujeito e objeto para outro sujeito. Este artigo de revisão de literatura se propõe a fazer uma investigação sobre como se desdobra um ato suicida, fazendo um debate acerca do suicídio como fenômeno pragmático de saúde pública na sociedade brasileira, na qual a ligação de causalidade com o ato é indecifrável.

Palavras chave: suicídio; ideação suicida; passagem ao ato; contemporaneidade

Abstract: Suicide isn't just an act, it's also the construction of a scene where the subject gets out of the scene giving up on it's own subjectivity in favor of taking itself back to itself, with the passage to the act the subject rectifies it's own narrative with a negative to the other and the big other, it's a “no!”. With the negative the subject reaffirms it's autonomy to it's own existence, rectifying life, taking back life and it's condition as subject. To the subject that keeps on living there is just a body, in which the symbolism of death won't be encrypted from the subject that it's gone, but to the subject that watches, the exit to the scene remounts, the dissolution from narrative of subjectivity which is given by another subject. Giving up it's position as a subject to another subject and taking back it's own life, the dead body evokes to the ones that keep on living, a pragmatic question, in which the solution to the enigma of suicided body will never be solved, since the one who kills itself won't be there to give any answer to the ones who stay, leaving just a negative to so it's position as a subject and object to another subject, this article aims to articulate a revision of literature, as the means of an investigation on how a suicide act unveils, executing a debate about suicide as being a the pragmatic society phenomenon in brazilians public health, in which the cause in relation to the act becomes undeciphered.

Keywords: suicide; suicide ideation; passage to the act; contemporaneity

¹ Aluno de Graduação do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra - ES

INTRODUÇÃO

A partir das relações cotidianas, emergem como traços característicos de posições subjetivas significantes e significados que orientam o desdobramento da vivência do sujeito em sociedade.

“[...] as relações dos homens entre si, as relações sociais, que dizem respeito ao indivíduo enquanto vizinho, enquanto colaborador, como objeto sexual de um outro, como membro de uma família e de um Estado.[...]”(FREUD, 2010, p.37).

Com construções que se estendem da linguagem ao corpo, a emergência da subjetividade de quem se é para o outro se constrói na relação.

Uma vez que um sujeito é sempre um sujeito para outro sujeito, quem se é como sujeito está diretamente ligado a uma cadeia de significantes que o ligam a quem se é em posição e oposição a outro sujeito, a vivência em cultura constrói uma subjetividade característica do eu que é uma junção de significantes construídos na relação “[...]a relação especular vem a tomar seu lugar e a depender do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, e de que sua marca se constitui na relação com o significante.”(LACAN, 2005, p.41).

“O que a cultura nos veicula como sendo o mundo é um empilhamento, um depósito de destroços de mundos que se sucederam e que, apesar de serem incompatíveis, não deixam de se entender muito bem no interior de todos nós.” (LACAN, 2005, p.43).

A partir das construções nas relação em sociedade, criamos um entendimento de mundo que é particular, o entendimento de sofrimento que advém da experiência humana e o significado que cada um dá para o ele e para gozo é singular “[...]O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta[...]”(LACAN, 2005, p.56).

A construção da cena em que o sujeito está como figura, aparece a partir de uma concepção de mundo como percepção da realidade, no qual o palco é uma construção na qual a cena se desenrola "Portanto, primeiro tempo, o mundo. Segundo tempo, o palco em que fazemos a montagem desse mundo. O palco é a dimensão da história." (LACAN, 2005, p.43).

O palco que se monta para o sujeito é também um aglomerado de construções históricas e culturais, a cena que se desenrola não é apenas a narrativa de um sujeito, mas também uma história em sociedade, no qual muitas vezes existe um confronto com a própria existência na cena "Um confronto aberto da consciência de si diante da marca da alteridade escandalosa do amor ou do outro."(EYBEN, 2022, p.44)."

A OMS considera o panorama cultural do suicídio como um caso de saúde pública, desvelando a face de um sofrimento sócio cultural constitutivo da contemporaneidade, no qual o corpo que se mata está em uma cena epidemiológica. Silva (2018) aponta um crescimento total de 62,5% para as taxas de suicídio entre o período de 1980 e 2012. Palma (2020) aponta que no Brasil, assim como na média mundial, os homens se matam três a quatro vezes mais que mulheres, e evidencia que há diferentes marcadores que se articulam para essa alta taxa de auto-extermínio masculino, sendo a relação com os papéis sociais sendo a mais latente.

"As condições, portanto, da vida são os modos com que ela se exerce como possibilidade, como dimensão potencial mas também como ato[...]"(EYBEN, 2022, p.34), uma vez que o suicídio evoca questões sobre a morte e vida para quem continua a viver, o suicídio como caso de saúde pública evoca uma demanda de entendimento acerca do fenômeno social como forma de maior entendimento de seu impacto e complexidade, na qual uma pergunta emerge "como se desdobra um ato suicida?"

METODOLOGIA

Este artigo se propõe a fazer uma revisão de literatura que na definição de Gil (2002) é uma modalidade de pesquisa dedicada à contextualização teórica acerca do tema proposto com a finalidade de esclarecer pressupostos teóricos, com objetivo de investigar e debater a ideação suicida e passagem ao ato na contemporaneidade brasileira. Com abordagem qualitativa, se servindo de materiais teóricos que contextualizem o panorama que se constrói socialmente e culturalmente a partir da questão pragmática do suicídio.

A construção do artigo pretende fazer uma investigação exploratória como proposta por Gil(2002), sobre as subjetividades em jogo no panorama do fenômeno do suicídio na saúde pública na contemporaneidade, e se propõe a fazer um levantamento bibliográfico com fins de elaborar a ligação sociocultural entre suicídio e subjetividade em jogo, fazendo uma articulação com alguns textos de Freud, Lacan, e pensadores contemporâneos.

“Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.”(GIL, 2002, p.41)

A partir de Gil (2002) pesquisas hipotéticas são utilizadas para levantar hipóteses entre variantes, o ato suicida na contemporaneidade brasileira se articula a vários fatores, este artigo não se propõe inferir ou fazer uma ligação direta entre suicídio e causa. O objetivo central deste estudo se dá em levantar um cenário a partir do suicídio como caso de saúde pública, articulando o conceito da construção da subjetividade, singularidade e eu no ato suicida.

SUICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA.

A partir de dados da OMS, no Brasil, homens são mais propensos a praticarem o autoextermínio “[...]na sociedade brasileira, os homens se subjetivam a partir desse dispositivo, que se fundamenta na virilidade sexual e laborativa.[...]”(BAÉRE, ZANELLO, 2020, p.2-3), com a construção social que é fundamental para a constituição da subjetividade, podemos apontar algo da norma constitutiva da masculinidade se articula com o sofrimento e a construção de vivência que leva ao suicídio.

“Publicações internacionais apontam para a maior vulnerabilidade ao suicídio entre pessoas autodeclaradas homossexuais e bissexuais[...].” (BAÉRE, ZANELLO, 2020, p.4), com isso aparece um recorte da masculinidade que desvela um panorama dos casos de suicídio.

Em uma série de entrevistas com homens gays e bissexuais conduzidas em 2020, constatou-se que a ideação suicida sempre esteve presente de alguma forma

a partir de um desconforto em espaços de socialização no cotidiano (BAÉRE, ZANELLO, 2020), no qual, homens gays e bissexuais tem sua subjetividade precarizada em relação ao ideal de virilidade posta a partir da figura idealizada de homem, criando assim, um espaço maior de alienação na vivência da masculinidade.

"Como a atividade sexual do homem é representada pela força, poder e dominação, existe o enaltecimento da figura do penetrador (papel ativo) e a desqualificação do penetrado (papel passivo)"(BAÉRE, ZANELLO, 2020, p.3) com isso podemos também articular que o papel da sexualidade também molda a construção da subjetividade que está em jogo no campo social, colocando como subalternos os homens com a sexualidade vista como disruptiva da norma heteronormativa de masculinidade.

"Uma vez que a masculinidade se constitui a partir da permanente comprovação social, a sua validade é atravessada por frequentes testes, cuja regra principal e unificadora[...]"(BAÉRE, ZANELLO, apud. KIMMEL, 2020, p.2), a imagem estereotipada do homem viril é ainda latente como figura a ser seguida de modelo de masculinidade, no qual grande parte dos homens não se encaixam, assim, essa imagem inalcançável cria também um ponto de sofrimento para o homem que não se encaixa nesse padrão estereotipado construído socialmente e articulado pela cultura.

Moreira (2015) aponta que a frequência de suicídio está se deslocando para os jovens, com uma frequência alarmante entre a faixa etária entre 15 e 19 anos e está entre as cinco maiores causas de morte nessa faixa etária. Lima et al. (2021) relata que no Brasil entre 2000 e 2015 houve 11.947 mortes por suicídio em adolescente, e em seu estudo evidencia que: "parte considerável de estudantes apresentou ideação suicida, sendo a prevalência mais elevada entre aqueles do ensino médio.[...]" (LIMA et al., 2021, p.221).

A ideação suicida como modalidade de sofrimento aparece também como um sofrimento no processo de formação da subjetividade, Teixeira (2018) argumenta que o suicídio é marcado pela complexidade de fatores que se articulam ao ato, em geral, as razões são cultivadas ao longo da experiência.

Em seu estudo com usuários da Atenção Primária a Saúde (APS), Aguiar (2022) traz o contexto social articulado com esse fenômeno ressaltando o seguinte: “variáveis sócio-demográficas associadas ao suicídio, estão: sexo masculino, idades entre 15 e 35 e acima de 75 anos, pobreza, residência urbana, desemprego, aposentadoria, ausência de cônjuge e migração.

(AGUIAR et al., 2022, p.138), em uma pesquisa realizada no Rio grande do Sul entre 2013 e 2017 constatou-se também maior prevalência de suicidas analfabetos e com ensino fundamental incompleto, enquadrando a construção de vivência sociocultural e econômica como fator vigente nos casos de suicídio (GOMES, 2021).

Em seu estudo com usuários da Atenção Primária a Saúde (APS), Aguiar (2022) traz o contexto social articulado com esse fenômeno ressaltando: “Entre as variáveis sócio-demográficas associadas ao suicídio, estão: sexo masculino, idades entre 15 e 35 e acima de 75 anos, pobreza, residência urbana, desemprego, aposentadoria, ausência de cônjuge e migração” (AGUIAR et al., 2022, p.138).

Em uma pesquisa realizada no Rio grande do Sul entre 2013 e 2017, Gomes (2021), constatou maior prevalência de suicidas analfabetos e com ensino fundamental incompleto/completo, enquadrando a construção de vivência sociocultural e econômica como fator vigente nos casos de suicídio.

Em um estudo conduzido por Mello (2000), na enfermaria de um hospital psiquiátrico, é discutido que nos pacientes que foram classificados como suicidas racionais, a resolução de acabar com a vida aparece de diversos modos, como a fuga do sofrimento causado por doença sem prognóstico, no qual o suicídio se articula como uma saída idealizada, na qual o sujeito retoma sua dignidade e decência.

Mello (2000) argumenta também que a doença mental é um fator que tira a capacidade de escolha do sujeito. Com essa articulação da perda da liberdade de escolha, a questão patológica traz um componente para o ato suicida que está fora do alcance do próprio sujeito.

A doença mental como um estado mental, não necessariamente está associado ao suicídio. "O caráter patológico, ou não, do suicídio e o risco de suicídio

podem ser avaliados em função do que representa para a pessoa morrer ou viver” (MELLO, 2000, p.168), a morte por suicídio entra como parte constitutiva da história trilhada pelo sujeito, se relacionando de forma direta com a qual o sujeito simboliza para si mesmo o valor da vida.

"Sem dúvida, a doença mental acarreta maior possibilidade de suicídio, constituindo um dos fatores preditivos mais poderosos ao lado de prévia tentativa de suicídio[...]”(MELLO, 2000, p.167), o suicida nem sempre está doente ou sofre de algum distúrbio, indicando um outro lado da ideação suicida, que aparece como modalidade de sofrimento constitutiva de um ponto de angústia primordial do sujeito.

Por mais que haja uma ampla correlação entre o suicídio e, transtornos mentais, distúrbios de ordem do humor, e em mais frequência com a depressão, o sofrimento mental não necessariamente leva ao ato, e apenas uma minoria dos pacientes que apresentam quadros de depressão maior tentam o suicídio (CHACHAMOVICH, 2009). Sendo assim, os distúrbios de humor, a pulsão de morte, não irão diretamente se articular com a passagem ao ato, apresentando um paradigma para a delimitação da identificação de um comportamento suicida.

Mas para além de todos esses casos que perpassam o suicídio e estão articulados com o sofrimento psíquico de forma patológica, a vivência humana se articula de forma singular na construção do eu. Sendo assim, a carga simbólica da passagem ao ato é construída também a partir do eu de quem se mata, “[...]já afirmei, não considero possível tratar patologicamente o suicídio, nem mesmo como distúrbio psicossomático. Há inúmeras implicações nesse ato que precedem a passagem ao ato em si [...]” (EYBEN, 2022, p.48).

“O caráter patológico, ou não, do suicídio e o risco de suicídio podem ser avaliados em função do que representa para a pessoa morrer ou viver.”(MELLO, 2000, p.168), embora existam causas psiquiátricas que se articulam com o ato suicida, para além de noções patológicas, pode ser inferido que o ato em si é também um ato de se perpetuar como agente de sua própria história, sendo assim, o suicídio também se torna uma resposta a vida, na qual muitas vezes é perpassada por uma singularidade insuportável para o sujeito, fazendo do ato uma retificação de seu sofrimento.

O ato suicida desvela um sofrimento de ordem singular que está além da patologização, e se apresenta como um fenômeno de complexo manejo e entendimento, uma vez que se torna quase impossível a patologização da decisão de abrir mão da própria vida, “[...]Quem encara a morte como um grande e total silêncio, um repouso, não hesitará diante de um ato que coloca fim a seus sofrimentos.”(MELLO, 2000, p.168).

Os índices de suicídio para além de uma estatística demográfica que emerge em números, mostra marcadores sociais que se articulam com a passagem ao ato, mal-estar como forma de estar na cultura é um fenômeno multifatorial, na qual a ideia de bem-estar e mal-estar passa por um filtro de subjetividade que se articula de forma diferente para cada história de sujeito. Segundo Teixeira (2018), “[...]Considera-se, também, de fundamental importância, o entendimento do meio cultural no qual o sujeito estava inserido, compreendendo-se o suicídio como fenômeno multifatorial [...]”(TEIXEIRA, 2018, p.3)

O suicídio, como um fenômeno social contemporâneo, continua habitando de forma pragmática no léxico da cultura. Ferreira (2021) afirma que as notícias vinculadas a óbitos por suicídio segue uma linha de associação vinculada com os interesses midiáticos, sem muita vinculação com dados epidemiológicos ou de recomendações e adesões da OMS para a prevenção. Com essa dicotomia em cena, a aparição do suicídio na consciência popular cria uma demanda de entendimento deste fenômeno amplo.

IDEAÇÃO SUICIDA.

Atentar contra a própria vida não necessariamente implica no suicídio, o comportamento autodestrutivo e o sofrimento, são fatores que constituem um modo de estar “Apesar de os dados numéricos relacionados ao suicídio serem subestimados, a estatística é de que para cada suicídio que acontece, houve entre 10 e 20 tentativas.[...]”(PENSO, SENA, 2020, p.64).

A intenção suicida como resposta ao sofrimento emerge não só de forma consciente, mas também de um impulso do inconsciente. A partir da concepção de

Freud: “[...]Partimos da grande polaridade de instintos de vida e instintos de morte.[...]”(FREUD, 2010, p.163), assim, os instintos primitivos atrelados a constituição psíquica tem grande influência nas dinâmicas construídas a partir do simbólico cultural, no qual os instintos a pulsão de morte está em jogo no decorrer da vida.

“[...]todo o nosso conhecimento está sempre ligado à consciência.[...]”(FREUD, 2011, p.16), a partir do conhecimento de si como sujeito em sociedade, é construído também um sistema de juízos que se articulam diretamente com consciência, e por conseguinte, mediado pela cultura através da linguagem, com a construção de subjetividade no campo da consciência, quem o sujeito é para si, e também como um corpo que manda uma mensagem a partir da posição que ele toma em relação com o outro, esse conhecimento é também a superfície da perceptividade de um mundo que é representativo.

A vida se dá em contraposição a morte, e como parte dela, sendo um fenômeno simbolizado apenas por quem vive, “[...]a consciência é a superfície do aparelho psíquico[...]"(FREUD, 2011, p.16) o aparelho psíquico como parte do sujeito é também um aparelho que produz a consciência de ser um sujeito, com essa parte do sujeito que está na superfície é articulado um saber de estar na cultura como articulação de seu eu.

A concepção de mundo parte de uma perspectiva particular e compartilhada, e compartilhamento é passível de interpretação: “[...]Tudo o que temos chamado de mundo ao longo da história deixa resíduos superpostos, que se acumulam sem se preocupar minimamente com as contradições.” (LACAN, 2005, p.43). As contradições também aparecem como constitutivas na cultura, na qual papéis sociais são atribuídos e valorados a partir de concepções a priori em relação à identificação do sujeito com a própria construção de eu.

A angústia construída a partir da vivência subjetiva, incide também na formação de uma pulsão de morte que está diretamente articulado com a construção do eu, Lacan: "O último pensamento de Freud indica-nos que a angústia é um sinal no eu [moi]. Se esse sinal está no eu, deve encontrar-se em algum ponto do lugar do eu ideal.[...]"(2005, p. 131).

O suicídio aparece articulado com marcadores de subjetividade que são construtivos de uma ideia de eu, e também de um ideal de eu, um eu que é social e não se articula de forma isolada. Lacan articula a angústia como um sinal:

"Esse sinal é um fenômeno de borda no campo imaginário do eu. O termo 'borda' é legitimado por se apoiar na afirmação do próprio Freud de que o eu é uma superfície, e até, acrescenta ele, a projeção de uma superfície, como lembrei no devido tempo."(LACAN, 2005, p.131).

O sofrimento por trás da ideação suicida revela uma face da psique que sofre em não dar conta de seu sofrimento constitutivo em sua posição de sujeito, alguns dos agravantes nos casos de suicídio emergem como depressão, dependência química, ansiedade, crise de pânico, insônia e outros distúrbios que resultam em tentativas de abrir mão da própria vida (CHACHAMOVICH, 2009).

A angústia como sinal do eu emerge a partir de uma vivência que é transpassada não só pela subjetividade, mas também pela articulação social que é possível para cada sujeito, em que suas relações irão nortear diretamente a possibilidade de construção de um eu ideal. "O eu ideal é a função mediante a qual o eu se constitui através da série de suas identificações com alguns objetos [...]"(LACAN, 2005, p.131). Com isso, a construção da angústia como sofrimento também passa pela própria noção de eu, na qual a angústia é também um sinal singular da vivência.

A vivência transpassada por uma série de identificações também encontra nessas identificações o marcador para significar o sofrimento, uma vez que o sujeito se constitui a partir da relação com outro sujeito, sua angústia também o liga a outros sujeitos. "[...]normalmente nos sinais bastante desenvolvidos de sofrimento subjetivo, como numa hipocondria ou melancolia, e nas evidências de um mais amplo enfraquecimento e transtorno das funções psíquicas."(FREUD, 2010, p.125).

As relações objetais se dão de forma contínua na vivência em sociedade:

"Talvez possamos começar afirmando que o elemento cultural se apresentaria com a primeira tentativa de regulamentar essas relações. Não havendo essa tentativa, tais relações estariam sujeitas à arbitrariedade do indivíduo[...]" (FREUD, 2010, p.37).

O sofrimento por trás da ideação suicida revela uma face da psique que sofre em não dar conta de seu sofrimento constitutivo em sua posição de sujeito,

alguns dos agravantes nos casos de suicídio emergem como depressão, dependência química, ansiedade, crise de pânico, insônia e outros distúrbios que resultam em tentativas de abrir mão da própria vida (CHACHAMOVICH, 2009).

O sofrimento que desemboca na ideação suicida aparece também como uma solução idealizada para o sujeito que sofre. [...] "o suicídio não é um ato isolado, está relacionado a uma condição de sofrimento e adoecimento do sujeito que, impossibilitado de resolver tal sofrimento por outras vias, vê na morte sua única solução." (PENSO, SENA, 2020, p.73).

"Os perigosos instintos de morte são tratados de várias maneiras no indivíduo[...]" (FREUD, 2010, p.51). A pulsão de morte, que emerge a partir da psique toma vários destinos. Uma vez que a vida em sociedade se articula de formas diferentes para cada corpo no mundo da linguagem, o destino da pulsão se traduz com significantes diferentes. A partir da formação da subjetividade, o desejo de auto-extermínio aparece de forma singular e intersubjetiva a partir da posição de sujeito,

O mundo se apresenta a partir da percepção mediada pela consciência e traduzido pela linguagem, orientada por significantes, que formam parte de um eu no mundo, "Os significantes fazem do mundo uma rede de traços em que a passagem de um ciclo a outro torna-se então possível. Isso quer dizer que o significante gera um mundo, o mundo do sujeito falante" (LACAN, 2005, p.87).

O mundo se apresenta a partir da percepção mediada pela consciência e traduzido pela linguagem, orientada por significantes que por sua vez produzem uma relação dialética "Os significantes fazem do mundo uma rede de traços em que a passagem de um ciclo a outro torna-se então possível. Isso quer dizer que o significante gera um mundo, o mundo do sujeito falante"(LACAN, 2005, p.87), o mundo do sujeito falante se estrutura a partir de significantes universais que criam concepções de realidade, onde no palco signos e símbolos representam facetas do mundo e sua conceituação no campo da interpretação.

PASSAGEM AO ATO.

A cultura como construto emerge também de forma paradigmática a partir da linguagem, na qual os valores constitutivos de subjetividade aparecem valorados a partir de concepções construídas a priori em relação à concepção consciente do sujeito de si mesmo na cultura, no qual o juízo de valor emerge como traço constitutivo da cultura, criando uma dicotomia de valoração externa para o juízo da subjetividade “A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha[...]” (NIETZSCHE, 2017, p.11).

“[...]‘estar consciente’ não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo”(NIETZSCHE, 2017, p.11). O instinto, conceituado por Freud (2010), também como pulsão, é parte constitutiva da psique, sendo dividida entre pulsão de vida e de morte. A consciência de ser sujeito também se articula com a pulsão, desvelando no ato de pensar uma face pulsional da constituição singular, na qual a linguagem é o meio pelo qual a pulsão encontra uma representação no mundo e na linguagem, com uma representação descritiva de uma consciência pulsional.

Para Lacan, o Outro como campo simbólico funciona como porta de entrada do sujeito na linguagem, servindo como instância que dá significado a linguagem, como, por exemplo, a mãe que interpreta o choro do bebê como fome, dando assim um sentido, e um passe de entrada no campo da linguagem, “Para o sujeito, por mais que ele, queira, não encontra em sua vida o Outro como álibi, ou seja, o Outro é furado[...]”(PENA, SILVA, 2018, p.89).

"Além disso, refere-se sempre a uma língua, uma época e um local específicos já que esse Outro simbólico se faz como e pela rede simbólica, inserida por significantes de uma determinada cultura.[...]" (PENA, SILVA, 2018, p.82).

“[...]O Outro funciona como o terceiro que autentica o sentido e traz algo da dimensão do inconsciente do sujeito para a cena que o representa.”(PENA, SILVA, 2018, p.82), o Outro é mutável, e subjetivo para cada pessoa, uma vez que a cultura atribui valores e características diferentes para cada corpo que carrega uma subjetividade, sendo esta uma construção dada a partir da troca, com os significantes atribuídos que articulados de forma intersubjetiva.

Segundo Lacan (2005), “O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento[...]” (LACAN, 2005, p.129). O momento da passagem ao ato articula para o sujeito uma saída subjetiva e emancipação de uma narrativa que está em relação direta com o significado que o outro dá. Calazans (2010) argumenta que a passagem ao ato é: “[...] um ato em que o discurso como laço social é deixado de lado[...]” (CALAZANS, 2010, p.251).

A intersubjetividade da relação com outro sujeito é também uma construção de um saber de si, sendo o saber da consciência também um conhecimento e reconhecimento de quem se é no mundo externo para como alteridade e sujeito. “Além disso, para que exista o Outro, é preciso uma aposta do sujeito, e mesmo que o sujeito aposte na existência do Outro, não o torna, de fato, consistente.”(PENA, SILVA, 2018, p.85).

“Quem se suicida não toma conhecimento de seu ato, já que é impossível que tome conhecimento, visto que está morto, contudo, não morto em relação ao significante.” (CARLOS, D’AGORD, 2016, p.50). Assim, a passagem ao ato aparece como resposta também aos significante e significados que se articula em ao sujeito constituído em relação ao outro, mediada pela vivência em sociedade.

[...]Temos diante de um corpo suicidado não apenas o cadáver de uma biografia, antes existe aqui uma relação de alteridade que se construiu sob a pena de sua responsabilidade extrema, dessa experiência com o limite que se abriu ao fora da concepção de uma vida dada biofilogeneticamente.[...](EYBEN, 2022, p.45).

O ato suicida é também uma saída subjetiva de um lugar compartilhado. A solução que aparece na passagem ao ato é também uma dissolução frente ao que o sujeito se faz frente a outro sujeito. “[...]há uma falta na interseção do campo do sujeito com o Outro, o que produz uma espécie de junção entre seu desejo e o desejo do Outro[...]” (PENA, 2018, p.84). Com essa intersecção do desejo do sujeito com o desejo do Outro, o sujeito toma para si um desejo que é constituído a partir de uma construção simbólica que o coloca no mundo da linguagem, uma vez que sua subjetividade é passível de interpretação a partir da relação intersubjetiva.

Assim, como a linguagem que articula a consciência de quem se é, e como o sujeito vê seu ideal de eu e eu ideal entrelaçado ao discurso do Outro, no qual a história de vida é constituído em um campo sócio-cultural, que pode ser alienante para o sujeito, criando assim momentos de um desinteresse em manter sua subjetividade:

"No ato, se o pensamos a partir da passagem ao ato, o sujeito se subtrai, digamos, aos equívocos da fala como a toda dialética do reconhecimento; ele coloca o Outro em um impasse, e é por aí que o propósito do ato propriamente dito não é cifrável" (MILLER, 2014, p.7).

Com isso, a estrutura da passagem ao ato também desvela uma rejeição do estatuto de sujeito.

"[...] numa necessária imersão ao dentro, à concepção de que tudo pertence ao dentro da vida, que não teria nenhum fora.[...]"(EYBEN, 2022, p.37), a retomada do mundo interior se articula como um exercício de autonomia da própria vida, em um movimento de tomar de volta algo que foi perdido para o mundo exterior.

"[...] a identidade da vida, reconhecida como pura interioridade do ser da vida, do vivente, é posta em jogo, entre acaso e controle, que a converte ao exterior e a torna, nesse sentido, uma espécie de espectro do eu que pode dizer eu vivo para além da necessidade no eu [...]" (EYBEN, 2022, p.37).

Abrindo mão deste eu construído no campo compartilhado, o sujeito toma de volta para si seu eu, e larga mão de ser um sujeito para outro sujeito.

A estrutura do ato se dá não só pela intenção suicida de largar mão de sua posição de sujeito mas ela é também estruturada pelo lado do sujeito que continua a viver, e participa do ato como espectador da cena. "Esse *largar de mão* é o correlato essencial da passagem ao ato. Resta ainda precisar de que lado ele é visto. Ele é visto justamente do lado do sujeito.[...]" (LACAN, 2005, p.129).

Com o corpo suicidado, quem continua vivo simboliza prováveis hipótese que possam se articular com a passagem. Mas o ato em si, nunca será decifrado por quem assiste, deixando apenas um enigma da negação da posição de sujeito e objeto para outro sujeito. "No cerne de todo ato há um "Não!" proferido em direção ao Outro." (MILLER, 2014, p.7). O ato suicida não é apenas uma saída do sofrimento, é também uma saída frente ao discurso do Outro, no qual na passagem o olhar do Outro cai, e o sujeito toma para si a retificação de seu sofrimento frente ao Outro.

A cena do corpo que se mata é para o sujeito que assiste um evento no palco "Uma vez que o palco prevaleceu, o que acontece é que o mundo é inteiramente montado[...]"(LACAN, 2005, p.43). Com isso, a cena para quem assiste toma estatuto simbólico a partir de quem assiste a passagem ao ato, por parte de quem se mata, é o abrir mão de uma história, evasão da cena, uma saída singular do mundo compartilhado, com a saída de cena; o que resta no palco é o indecifrável enigma que se transforma em fenômeno saúde pública.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A ideiação suicida como modalidade de sofrimento desvela uma questão de cunho social, na qual as interpretações culturais são as mais diversas, uma vez que cada suicídio é marcado por uma vivência muito singular da consciência, a estatística demográfica aponta para um corpo suicidado marcado por uma história atravessadas por significantes que dão seu estatuto de sujeito e eu. "[...]a vida constitui-se no espaço pensável, num limite que parece ainda permanecer sob a tutela e na garantia do que foi erigido como ser, o seu ser[...]"(EYBEN, 2022, p.34).

"O suicídio apresenta diferenças importantes entre homens e mulheres, uma vez que se adotam comportamentos autodestrutivos congruentes com as peculiaridades de cada gênero.[...]"(PALMA et. al, 2020, p.10), os resultados encontrados em pesquisas indicam uma multiplicidade de fatores que se articulam com o ato suicida, fazendo desse fenômeno um paradigma para a vida em sociedade, a cena que desemboca no suicido é construída ao longo da vida, sendo difícil articular um ponto específico que simboliza por completo o fator definitivo para o suicídio.

O suicídio como panorama de saúde pública como desvelado por Palma et. al. (2020), Mello (2000) e Teixeira (2018) mostram um sofrimento social de uma demográfica que vai além de números, contam histórias de corpos que se desfazem do laço social, tornando difícil traçar uma ligação direta entre causa e efeito para a passagem ao ato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, R. A., Riffel, R. T., Acrani, G. O., & Lindemann, I. L.. (2022). **Tentativa de suicídio: prevalência e fatores associados entre usuários da Atenção Primária à Saúde**. *Jornal Brasileiro De Psiquiatria*, 71(2), 133–140. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000379>
- BAÉRE, F. de ., & Zanella, V.. (2020). **SUICÍDIO E MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE POR MEIO DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES**. *Psicologia Em Estudo*, 25, e44147. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>
- CALAZANS, R., & Bastos, A.. (2010). **Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas**. *Fractal: Revista De Psicologia*, 22(2), 245–256. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>
- CARLOS, F. P. de ., & D'Agord, M. R. de L.. (2016). **O lugar obscuro do suicídio**. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 19(1), 43–56. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n1p43.4>
- CHACHAMOVICH, E., Stefanello, S., Botega, N., & Turecki, G.. (2009). **Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio?**. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 31, S18–S25. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000500004>
- EYBEN, P.. (2022). **A questão do impossível no suicídio: a precariedade de si**. *Alea: Estudos Neolatinos*, 24(2), 33–52. <https://doi.org/10.1590/1517-106X/202224202>
- FREUD, Sigmund, “Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901)” In. **Sigmund Freud Obras completas volume 5 Psicopatologia da Vida Cotidiana e Sobre Os Sonhos (1901)**, 2021, Companhia das letras.
- FREUD, Sigmund, “Além do Princípio do Prazer (1920)” In. **Sigmund Freud Obras completas volume 14, História de uma Neurose Infantil (“O Homem Dos Lobos”), Além do Princípio Do Prazer e Outros Textos (1917-1920)**, 2010, Companhia das letras.
- FREUD, Sigmund “O Eu e o Id (1923)”. In. FREUD, Sigmund, **Sigmund Freud Obras completas volume 16 O Eu e o Id “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925)**, 2011, Companhia das letras.
- FREUD, Sigmund, “O Mal-estar na Civilização (1930)” In. **Sigmund Freud Obras completas volume 18 O Mal Estar Na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)**, 2010, Companhia das letras.
- FERREIRA, R. da S., Martin, I. dos S., Zanetti, A. C. G., & Vedana, K. G. G.. (2021). **Notícias sobre suicídio veiculadas em jornal brasileiro**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(4), 1565–1574. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.12882019>
- GOMES, G. A., Maronezi, L. F. C., Felizari, G. B., Riffel, R. T., Fernandes, J. de F., Rabello, R. dos S., & Lindemann, I. L.. (2021). **Caracterização dos óbitos por suicídio entre 2013-2017**. *Jornal Brasileiro De Psiquiatria*, 70(3), 203–210. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000335>

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LACAN, Jacques, "III. Do cosmo à Unheimlichkeit", "VI. O que não engana", "IX. Passagem ao ato e acting out" In. LACAN, Jacques, **O Seminário: Livro 10; A angústia**, (1962-1963) Editora Zahar, (2005).

LIMA, C. de A., Messias, R. B., Brito, A. B., Ferreira, T. B., Barbosa, M. S., Pinho, L. de ., Brito, M. F. S. F., & Silveira, M. F.. (2021). **Ideação suicida e fatores associados entre estudantes de ensino médio e superior: uma análise hierarquizada**. *Jornal Brasileiro De Psiquiatria*, 70(3), 211–223. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000342>

MELLO, M. F. de .. (2000). **O Suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional**. *Cadernos De Saúde Pública*, 16(1), 163–170. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2000000100017>

MILLER, Jacques-Alain, (2014) **Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato**, Opção Lacaniana online nova serie, Ano 5, Numero 13,.

MOREIRA, L. C. de O., & Bastos, P. R. H. de O.. (2015). **Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura**. *Psicologia Escolar E Educacional*, 19(3), 445–453. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>

NIETZSCHE, Friedrich, **Além do Bem e do Mal**, 2017, companhia das letras

PALMA, D. C. de A., Santos, E. S. dos ., & Ignotti, E.. (2020). **Análise dos padrões espaciais e caracterização dos suicídios no Brasil entre 1990 e 2015**. *Cadernos De Saúde Pública*, 36(4), e00092819. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00092819>

PENA, Breno Ferreira; **SILVA**, Ronildo Deividly Costa da. **O Outro no ensino lacaniano: algumas considerações**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 49, p. 81-90, jul. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100007&lng=pt&nrm=iso

PENSO, M. A., & Sena, D. P. A. de .. (2020). **A desesperança do jovem e o suicídio como solução**. *Sociedade E Estado*, 35(1), 61–81. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010004>

SILVA, B. F. A. da ., Prates, A. A. P., Cardoso, A. A., & Rosas, N.. (2018). **O suicídio no Brasil contemporâneo**. *Sociedade E Estado*, 33(2), 565–579. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302014>

TEIXEIRA, S. M. de O.. (2018). **O Método de Autópsia Psicossocial como Recurso de Investigação acerca do Suicídio**. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 34, e34434. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34434>